



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA — UnB
INSTITUTO DE LETRAS — IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS — TEL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS

PROJETO EM ESCRITA LITERÁRIA

GUSTAVO ARANHA DA SILVA SOUTO

Brasília-DF
2018

GUSTAVO ARANHA DA SILVA SOUTO

PROJETO EM ESCRITA LITERÁRIA

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas — TEL, do Instituto de Letras — IL, da Universidade de Brasília — UnB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Português.

Orientadora: Ana Laura dos Reis Côrrea.

Brasília-DF
2018

À minha alma que se permitiu se abrir a mim
por meio desses escritos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, à Ana Laura que permitiu que este trabalho fosse feito, em caráter excepcional.

Agradeço ao Marcelo, por toda a paciência em minhas ausências no trabalho, período, em que eu estive em outro mundo, no mundo de minha monografia.

Agradeço à minha namorada Kamylla, por ter me escutado todos os dias em que eu desejei desistir de tudo e de todos.

Agradeço à Universidade de Brasília, sua energia, sempre me renovava e de alguma maneira me fazia entender que tudo isso era necessário.

Agradeço ao meu pai, João, a minha mãe, Odete. Ao meu avô, Isaías, a minha avó, Raimunda.

Agradeço à memória de todos aqueles que lutaram por seus ideais, aqueles cuja a existência é uma afronta ao tradicional e velho.

Agradeço a todos vocês que irão ler esta obra.

RESUMO

Este é um trabalho de conclusão de curso, pré-acordado com a orientadora Ana Laura dos Reis Côrrea. É um projeto experimental que, em vez de tratar diretamente das teorias literárias aprendidas no decorrer do curso, utiliza como método a própria arte. Então, uma parte é análise de um romance literário, visando entender a questão da autoria, e uma outra, o anexo da construção deste romance. Literatura é, em via de regra, a representação da realidade, mas, o que seria realidade e como ela influencia cada ser humano? Na obra “A última resistência” o presente influencia o futuro e o presente é influenciado pelo passado, numa ordem não linear do tempo. Da mesma maneira como a realidade é modificada pela memória coletiva. Até que ponto a memória coletiva é responsável pela produção literária de uma determinada nação? Dessa maneira busca-se entender e discutir a importância do autor individual inserido numa autoria coletiva.

Palavras-chave: memória; autor; e obra literária.

ABSTRACT

This is a work of course completion, prearranged with the advisor Ana Laura dos Reis Côrrea, is an experimental project in which, instead of dealing directly with the literary theories learned during the course, uses art as a method. So one part is analysis of a literary novel, aiming to understand the issue of authorship, and another, the annex of the construction of this novel. Literature is, as a rule, the representation of reality, but, what would be reality and how does it influence every human being? In the work "The Last Resistance" the present influences the future and the present is influenced by the past, in a non-linear order of time. In the same way as reality is modified by collective memory. To what extent is collective memory responsible for the literary production of a particular nation? In this way we seek to understand and discuss the importance of the individual author inserted in a collective authorship.

Keywords: memory; author; literary work.

Sumário

1 - APRESENTAÇÃO / OBJETIVO	8
2 - PROJETO EM ESCRITA LITERÁRIA	9
2.1 – Pressupostos Teóricos	9
2.2 - Elementos da Narrativa	12
2.2.1 – A formação de um enredo	13
2.2.2 – A história e a evolução dos personagens	14
2.2.3 – O clímax narrativo	14
2.3 – Designer da Escrita	15
Apêndice	17
Prólogo: A última resistência.....	17
Referências Bibliográficas	20

1 - APRESENTAÇÃO / OBJETIVO

O Trabalho de Conclusão de Curso tem uma emenda específica, que diz: “Desenvolvimento de estudo sobre a literatura visando à elaboração de monografia final”, existem diversas maneiras de executar esse estudo acerca da literatura. Pensando nisso, foi proposto à professora Ana Laura dos Reis Côrrea a elaboração de um texto literário, este texto, discute o próprio fazer literário, conseqüentemente, é um estudo detalhado e aprofundado sobre a literatura e alguns autores nacionais.

O trabalho foi aceito, contudo, dividiu-se em duas etapas, sendo a primeira o fazer do texto literário, anexo a este artigo, e a segunda, um artigo em que se discute o fazer literário, a questão da autoria, memória coletiva, as influências externas na obra literária. Dessa maneira, o objetivo desse trabalho é mostrar como a autoria individual é produto de uma construção coletiva.

2 - PROJETO EM ESCRITA LITERÁRIA

2.1 – Pressupostos Teóricos

O que é literatura? Esta é uma das perguntas mais difíceis de se responder, embora tenha uma resposta imediata simples: é a representação da realidade. Mas o que seria a realidade? E até mesmo, o que seria a representação? Daí então a complicação da pergunta. Embora seja um questionamento fundamental, pois é preciso conhecer o objeto a ser estudado.

Os primeiros, mais importantes, a falarem da literatura, na época utilizaram a palavra poética, foram Platão e Aristóteles. O primeiro, na sua obra “A República”, defendia que os poetas deveriam ser censurados, para ele a realidade estava no mundo platônico, enquanto o mundo material seria uma cópia, já a poética seria uma cópia do mundo material, ou seja, uma representação inferior, por isso, deveria ser controlada pelo Estado. Já o segundo, faz uma diferenciação significativa na sua obra “A Poética”, ele diferencia história da literatura, a primeira era uma obra que visava relatar os fatos tal como eles eram, já a segunda, não, ela vinha com o sentido de fazer com que o espectador experimentasse o sentimento da catarse, uma identificação com os personagens.

Então, assim, ter-se-ia uma história da literatura? Para Otto Maria Carpeaux, este conceito é algo moderno, pode-se observar que, após estes dois (Aristóteles e Platão) não houve tentativas de definições de literatura ou de obra literária. Os posteriores a eles, tentavam fazer glossários, isto é, um resumo da obra e do autor. Estes documentos foram importantes, pois graças a eles foram escolhidos quais obras poupar ou não.

História da Literatura é um conceito moderno. Os antigos, embora interessados na coleção e interpretação dos fatos literários, nunca pensaram em organizar panoramas históricos das suas literaturas. A nenhum escritor grego ou romano ocorreu jamais a ideia de referir os acontecimentos literários de tempos idos; e só na época da decadência das letras e da civilização surgiu o interesse puramente pragmático, da parte dos professores de Retórica ou de bibliófilos, de organizar relações dos livros mais úteis para ensino (...). (CARPEAUX, p. 5).

A literatura tal como se conhece hoje é fruto da modernização, como o autor defende, a historiografia é uma teoria moderna, ou seja, para existir historiografia da literatura é preciso existir uma definição literária, que não é uniforme, da própria literatura. Entender literatura como uma produção individual surge com o advento do romantismo, movimento literário que deslocou o eixo da produção de epopeias para a produção de romances, que foi o mais parecido com o que se tem hoje de literatura.

Então, literatura, como se conhece hoje é um conceito relativamente novo, antes, não existia este cuidado. Até porque as obras anteriores eram caracterizadas como um gênero muito específico: epopeias. Assim, nasceram *Iliada*, *Odisseia*, *Eneida* e *Os Lusíadas*, obras que caracterizam a formação de uma nação. Estas obras que são semelhantes no formato, mas divergem na construção, isto é, as duas primeiras são atribuídas a Homero, embora não seja exatamente um consenso na academia que elas foram escritas pelo mesmo autor. É mais aceito, que elas sejam lendas populares escritas em tempos diferentes e por autores diferentes, ou seja, um exemplo explícito de uma autoria coletiva.

Terry Eagleton defende que os conceitos modernos de literatura são moldados conforme a necessidade daquele que a defende, é uma crítica velada ao cânone da literatura mundial, pois, como ele coloca, o que exatamente nós escolhemos definir como literatura, porque, por exemplo, *Iliada* é literário, e *História* (de Herotodo), não o é, se elas são igualmente ficcionais, considerando os conceitos modernos de literatura? Então, a literatura também é moldada conforme a conveniência de cada um que a faz:

O fato de sempre interpretarmos as obras literárias, até certo ponto, à luz de nossos próprios interesses — e o fato de, na verdade, sermos incapazes de, num certo sentido, interpretá-las de outra maneira — poderia ser uma das razões pelas quais certas obras literárias parecem conservar o seu valor através dos séculos. Pode acontecer, é claro, que ainda conservemos muitas das preocupações inerentes à da própria obra, mas pode ocorrer também que não estejamos valorizando exatamente a “mesma” obra, embora assim nos pareça. O “nosso” Homero não é igual ao Homero da Idade Média, nem o “nosso” Shakespeare é igual ao dos contemporâneos desse autor. Diferentes períodos históricos construíram um Homero e um Shakespeare “diferentes”, de acordo com seus interesses e preocupações próprios (...) Todas as obras literárias, em outras palavras, são “reescritas”, mesmo que inconscientemente, pelas sociedade que as leem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma “reescritura”. (EAGLETON, p. 18-19).

Portanto, a literatura é algo relativo. Não só, é também uma relatividade que vai se modificando. Um exemplo factível de entender tais interpretações, é no que tange ao próprio Machado de Assis. Quando publicou *Dom Casmurro*, a interpretação era de que Capitu realmente havia traído Bentinho. Mais tarde, surgiram as primeiras indagações, e hoje, existe a interpretação de que Bentinho na verdade seria homossexual, apaixonado por Escobar. O mesmo aplica-se à saga do Harry Potter, em que a autora declarou que um dos personagens principais, Dumbledore, era gay. Conforme determinados conceitos vão surgindo e se tornando mais fáceis de serem aceitos, vão modificando as interpretações literárias. Mas, afinal, o que seria realmente esta literatura?

O surgimento dos romances marcou como entendemos a literatura hoje, e é associado Literatura a romances ficcionais. A forma como a literatura é ensinada nas

escolas e na própria universidade corrobora com isso. No Ensino Médio, a Literatura é marcada como o ensino das obras do cânone literário que formaram a Literatura Brasileira.

Então, considerando os conceitos modernos acerca da definição de literatura, pode-se, então, dizer que literatura é a representação da realidade no sentido de uma obra que possua um caráter poético, ou seja, uma obra que represente, caso em prosa, elementos realísticos, uma narração, algo real e ao mesmo tempo ficcional. A literatura não é como a sociologia, que tem como compromisso estudar a sociedade, não, a literatura é maior, ela é a representação da realidade pelos mais diversos meios. Podemos então citar György Lukács que fez uma das melhores definições de literatura contemporânea. A literatura é a representação da realidade, mas não de qualquer realidade, a realidade como algo complexo, algo além da aparência e da essência:

Portanto, a existência e a essência, a gênese e a eficácia da literatura só podem ser compreendidas e explicadas no quadro histórico geral de todo o sistema. A gênese e o desenvolvimento da literatura são parte do processo histórico geral da sociedade. A essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social geral e unitário mediante o homem se apropria do mundo por meio de sua consciência. Do primeiro ponto de vista, a estética marxista e a história marxista da literatura e da arte fazem parte do materialismo histórico, ao passo que, do segundo ponto de vista, são uma aplicação do materialismo dialético; em ambos os casos, porém, são uma parte peculiar, especial, deste conjunto, com determinados princípios estéticos específicos.

A realidade é muito mais que simplesmente uma mera descrição dos eventos que ocorrem, essa descrição, como brilhantemente colocou Aristóteles, é uma das atribuições da história. É preciso ter um elemento maior do que uma simples descrição precisa de todos os fatos: é necessário o segundo elemento que Aristóteles teorizou: *cartase*. Uma história literária necessariamente necessita desse elemento de identificação chamado de *cartase*, que consiste na identificação do leitor, com o os personagens. Para ele, este era um elemento fundamental da poética, que serviria como um elemento fundamental para a domesticação da população.

Assim, é necessário seguir este protocolo na representação literária, afinal a partir dele que surgiram tantas obras fundamentais à vida humana. Uma obra precisa representar a realidade, e para tal, é necessário representar aquilo que nos faz humanos, por exemplo, a literatura, em suma, é a representação do trabalho. Mas não apenas o trabalho normal, é necessário algo mais, um trabalho que não seja alienado e uma contribuição para o

desenvolvimento da humanidade. Vale ressaltar, dentro dessa definição, que se entende por trabalho alienado a definição de Karl Marx.

2.2 - Elementos da Narrativa

Existem alguns elementos fundamentais dentro de um texto literário conforme o conceito moderno de literatura. O texto literário é um texto que não tem como objetivo principal uma mera descrição da realidade, é algo maior, uma das melhores definições de um texto literário vem do próprio Aristóteles:

A poesia épica e a trágica, bem como a cômica, a ditirâmbica e a maioria da interpretação com flauta e instrumentos de cordas dedilhados são todas, encaradas como um todo, tipos de imitação. Diferem, entretanto, entre si, em três aspectos, a saber, nos meios, nos objetos ou nos modos de suas imitações. Tal como cores e formas são usadas pelas pessoas (há as que as usam graças à arte, outras devido a prática regular) para imitar e representar muitas coisas, enquanto outras, por outro lado, usam a voz, também todas as artes supracitadas produzem imitação em ritmo, discurso e harmonia, quer isoladamente, quer em combinações. (ARISTÓTELES, p. 39-40).

Então, existe o elemento artístico que difere um texto literário dos demais. Com Aristóteles coloca, há ritmo entre outros elementos próprios da tragédia e da poesia épica, os romances, um novo gênero literário, chegarão apenas próximo ao século XVIII. Assim, existe, além de todos os outros elementos um novo, o romance é um texto prosaico, que apesar de não conter algumas características próprias da poesia, tem o seu elemento textual literário.

O romance como gênero é algo novo, marca também a ascensão da burguesia ao poder. Com uma nova classe dominante, a literatura ganha uma nova roupagem. Um romance é a contagem de uma história, ao mesmo tempo que qualquer definição sobre esse gênero seja problemática, há romancistas que desafiam as teorias. A modernidade trouxe esse aspecto, a desconstrução, então um romance que desconstrua o conceito de um romance, também é um romance.

Diferentemente da poesia, que nem sempre vai trazer vários personagens, várias histórias, ou um enredo. O romance tem essa característica é uma narrativa longa, em que existem diversos personagens, sendo alguns principais, outros secundários, além de possuir um espaço, um tempo em que se desenrola a narrativa. Assim, a construção de um romance passa por diversas etapas: a formulação de um enredo, a história dos personagens, a evolução dos personagens, o clímax narrativo e o fim. Como dito,

anteriormente, muitas dessas obras não seguem esses elementos, mas a maioria delas os seguem, principalmente quando se trata da literatura nacional.

2.2.1 – A formação de um enredo

Todos os elementos de um romance são importantes, mas o enredo é o fundamental. A humanidade, desde que se transformou em sociedade, narra as suas histórias. Os desenhos em uma caverna são narrativas de povos antepassados aos humanos. Desde que se adquiriu a capacidade cognitiva da fala, repassou-se o conhecimento por meio das histórias, e com o advento da escrita as histórias, que se tornaram lendas: viraram mitos. A humanidade respira uma boa história, nunca antes houveram tantos recursos artísticos para esse desenvolvimento, seja em séries, filmes, blogs ou redes sociais, as histórias estão sendo contadas o tempo todo. Assim, a história é o elemento mais importante do romance, é o seu cerne, a sua vida.

O mundo hoje consome filmes, romances, teatro e televisão em tanta quantidade e com uma fome tão voraz que as artes da estória viraram a principal fonte de inspiração da humanidade, enquanto ela tenta organizar o caos e ter um panorama da vida. Nosso apetite por estórias é um reflexo da necessidade profunda do ser humano em compreender os padrões do viver, não meramente como exercício intelectual, mas como experiência pessoal e emocional. Nas palavras do dramaturgo Jean Anouilh, “a ficção dá à vida sua forma”. (MACKEE, p. 25).

A história é de alguma maneira a própria humanidade. Portanto, é o elemento mais importante do romance, mesmo que a própria história seja uma ausência de uma história. Não obstante a construção da história deve ser observada em dois métodos literários: a narração e a descrição. Lukács em seu texto: “Narrar ou Descrever” defende essas duas ideias. De forma muito simples, pode-se dizer que quando se narra se dá vida ao elemento narrado, por outro lado, quando se utiliza a descrição, mata-se o objeto descrito. A descrição se aproxima de outros gêneros, faz o trabalho perder a sua essência artística. Por exemplo, quando se descreve, adiciona-se adjetivos demais ao texto, então, ao revelar os personagens ao leitor o escrito acaba descrevendo como o personagem é, assim, em vez de criar uma situação que demonstre os sentimentos e as características de determinado personagem. O personagem x é um personagem violento, que tem um relacionamento abusivo com a personagem y (esta é uma descrição dos fatos, é a utilização do método descritivo na construção do personagem). Por outro lado, quando o escritor utiliza o método narrativo ele constrói uma ação em que fica exposto que o

personagem x é violento e ciumento, e que tem um relacionamento abusivo com a personagem y.

O enredo está intimamente ligado a todos os outros elementos da narrativa, a partir dele é possível trabalhar os personagens, dentro de suas histórias individuais. Assim, esse é o elemento que guia a humanidade, que transformará os personagens, os leitores e o público. A arte tem esse poder de resistir, ressignificar e se comunicar com o todo.

Um grande trabalho é uma metáfora viva que diz “a vida é assim”. Os clássicos, de todas as épocas, não nos deram soluções, mas lucidez, não nos deram respostas, mas sinceridade poética; deixam inevitavelmente claros os problemas que todas as gerações devem resolver para serem humanas. (MCKEE, p. 125).

2.2.2 – A história e a evolução dos personagens

É passado ao leitor apenas uma parte da história dos personagens, o autor deve saber exatamente como se comporta cada um dos seus personagens durante a trama, vê-lo em diversas outras situações além do próprio enredo. A construção da história de vida dos personagens, de sua família, de sua vida, é uma construção tão fundamental quanto o próprio enredo da trama.

Todos os seres humanos possuem histórias, o mesmo acontece com os personagens, estes não existem somente durante o tempo da narrativa, eles existem antes e depois, caso não morram durante o enredo. O escritor deve conhecer profundamente estes elementos. A história dos personagens deve ter uma mudança, eles precisam evoluir para causar um efeito de interesse ao leitor.

Como construir um personagem humano sem uma mudança? Os personagens devem mudar no decorrer da narrativa, ou então, não faz sentido contar aquela história. É imprescindível que exista uma boa história para a construção dos personagens humanos. A história é a própria vida humana.

2.2.3 – O clímax narrativo

O clímax é o desfecho de uma história. Uma boa história precisa ter alguns elementos, como o incidente incitante, que seria exatamente um porquê, uma obra é uma pergunta ou uma resposta a este questionamento. E a narrativa vai conduzir os personagens a um clímax, a algo, a um momento em que tudo se encaixará e as coisas farão sentido, ou não. Quando se trata de elementos literários, nem sempre essas regras

se cumprem, como por exemplo, no texto literário objeto deste trabalho, o final é aberto à interpretação do próprio leitor.

2.3 – Designer da Escrita

Escrever é transformar experiências adquiridas por meio dos cinco sentidos humanos em uma obra de arte. É um processo que nem sempre é simples, pois que a tentativa de captura da essência da realidade passa pelos filtros da experiência individual do autor. Embora a realidade não possa ser diferente da experimentação de cada ser, todavia, algumas vezes esse ato não comete exatamente a realidade tal como ela é.

Se agora pretendemos esclarecer algum dos aspectos mais importantes dessa situação, deparamo-nos com a seguinte questão: o que é essa realidade que a criação artística deve refletir com fidelidade? Aqui, importa acima de tudo o caráter negativo da resposta: essa realidade não é somente a superfície imediatamente percebida do mundo exterior, não é a soma de fenômenos eventuais, casuais e momentâneos. Ao mesmo tempo que coloca o realismo no centro da teoria da arte, a estética marxista combate firmemente qualquer espécie de naturalismo, qualquer tendência à mera reprodução fotográfica da superfície imediatamente perceptível do mundo exterior. Ainda neste ponto, a estética marxista nada afirma de radicalmente novo; limita-se a desenvolver ao seu mais alto nível de consciência e clareza aquilo que sempre se encontrou no centro da teoria e da prática dos grandes artistas do passado. (LUKÁCS, p. 103)

Portanto, o processo de escrita não é simples, é um processo artístico que passa por todas as etapas já citadas anteriormente. Além de também exigir do autor um compromisso com o trabalho. É necessário empenho, dedicação e sinceridade. Para conseguir a representação da realidade em sua essência e aparência é preciso um trabalho sincero e dedicado. “Pois apesar de um artista poder, em sua vida privada, mentir para os outros e até para si mesmo, quando se cria, diz a verdade;” (MCKEE, p. 132).

A arte, a verdade e a realidade estão completamente ligadas a algo que é tão humano quanto a humanidade: o amor. Não há como produzir um texto literário que consiga captar a essência e a aparência da realidade sem este elemento. Ele é fundamental para a humanização do texto e do autor. Então, no processo criativo de escrita faz-se com dedicação, afincamento e amor. Um texto é uma ideia bruta, é como uma pedra, que ao ser lapidada transforma-se em uma escultura ou joia. O processo de transformação da pedra em uma joia ou escultura é um processo de trabalho técnico e estudo literário, como foi elencado neste trabalho. Por outro lado, o processo de conseguir achar a pedra bruta adequada é um trabalho de amor.

O amor pela estória — a crença de que sua visão pode ser expressa apenas através da estória, de que as personagens podem ser mais “reais” que as pessoas, que o mundo ficcional é mais profundo que o concreto. O amor pelo dramático — a fascinação pelas surpresas súbitas e revelações que trazem mudanças à vida. O amor pela verdade — a crença de que a mentira aleija o artista, de que toda verdade na vida deve ser questionada, de acordo com os motivos secretos de cada um. O amor pela humanidade — uma disposição para sentir empatia pelas almas que sofrem, para arrastar-se dentro de suas peles e ver o mundo através de seus olhos. O amor pela sensação — o desejo de deliciar não apenas os sentidos do corpo, mas também os da alma. O amor pelo sonhar — o prazer em passear por sua imaginação só para ver onde ela vai dar. O amor pelo humor — o júbilo pela graça salvadora que restaura o equilíbrio da vida. O amor pela linguagem — o encanto pelo som e o sentido, sintaxe e semântica. O amor pela dualidade — a percepção das contradições secretas da vida, uma saudável desconfiança de que as coisas não são o que parecem. O amor pela perfeição — a paixão por escrever e reescrever à procura de um momento perfeito. O amor pela singularidade — o prazer pela audácia e uma calma absoluta quando ela encontra o ridículo. O amor pela beleza — um sentido inato que estima a boa escrita —, odeia a escrita ruim e sabe a diferença. O amor próprio — uma força que não precisa de autoafirmação constante, que nunca duvida de que você seja, de fato, um escritor. (MCKEE, p. 33).

O amor é, portanto, um elemento fundamental na construção artística. É um processo solitário, em que a obra só encontra um diálogo após ter terminada. As dores e a verdade de um mundo que se transforma, encontram uma ordem e uma significação quando são transformados em um texto literário. Assim, é o ato da escrita.

Apêndice

Prólogo: A última resistência

Nos confins do universo, numa galáxia isolada, com diversos sistemas solares, dentro do mais distante planetinha, com uma cor que não tem neste idioma, um jovem homem escrevia. Olhava de um lado para o outro, o relógio na parede parecia lutar contra o tempo, precisava terminar...

“Com amor, Vicente”, conseguiu terminar de escrever o manuscrito. Colocou os papéis dentro de um envelope, endereçou ao Ricardo, e entregou ao carcereiro, junto com algum dinheiro, detestava aquele tipo de atitude, mas era necessária, o Ricardo precisava saber da real história: a história não contada. Só assim a esperança do mundo poderia continuar existindo.

Olhou para a caneta e sorriu, ela o acompanhou durante toda a vida e agora iria com ele... seus olhos ficaram úmidos, nunca foi de chorar, mas ali, naquele momento, era inevitável. Mas ele sabia que era necessário, às vezes, chorar, não sempre, somente às vezes. Saiu para o banho de sol.

O coração bombeava fortemente, a barriga se embrulhando, as mãos suavam. Estava decidido a fazer o que havia planejado em todos os detalhes. Nunca temeu, estaria, finalmente, voltando a sentir? Não importava, era tarde demais, já havia tomado a decisão. Correu. Com a caneta, acertou o cara mais forte da prisão, este, não sentiu nada, fechou a cara, o punho, junto com tantos outros.

Era uma espécie de início de uma confusão no pátio, os agentes penitenciários olharam, de novo, aqueles malditos presos não davam um dia de folga a eles, meu Deus. Gritos, pancadas... uma confusão em uma prisão é como um vírus se alastrando, é rápido e mortal.

Vicente não sabia de onde vinham os socos que o atingiam, ele conseguiu cumprir o seu objetivo, acertar o grandão, e o cortou. Mas todos os outros batiam, batiam, ele sentia as dores, e começava a perder a consciência, uma luz branca, já não conseguia mais respirar, puxava e não vinha nada.

— Aqui você não precisa respirar, está tudo bem.

— Onde estou?

Um ser alto, estranho, Vicente já o havia visto uma vez, há muito tempo, ou não teria visto? Tudo era branco demais, ele não conseguia identificar muito bem, mas sentia, sentia socos, dor.

— Onde você deveria estar.

Vicente perdeu a consciência. A notícia saiu rápida, apenas uma vítima, Vicente da Silva. Ricardo quase nunca assistia à televisão, mas naquela noite, estava em um encontro, e a parceira gostava muito de ver tv, ela que assistia.

Ele se chocou, sentiu uma angústia, uma coisa... Vicente havia sido seu paciente.

Ele sabia que ele não podia ter feito nada de diferente, mas sentia uma culpa, uma sensação de injustiça, não entendia. Foram alguns dias de intensa agonia, até chegar o envelope.

Não acreditou. As palavras eram fortes e tinham um efeito de gole. Soube o que precisava ser feito, ele precisava fazer algo, ele precisava... havia fracassado uma vez, e agora não poderia ignorar, a ética médica não permitia tamanho absurdo.

Foi ao enterro, era o mínimo que poderia fazer em memória de Vicente, ir lá. Sabia que ele não tinha família, não iria mais ninguém, pagou o caixão, cuidou dos trâmites burocráticos, era o mínimo.

Ele queria fazer mais, embora não pudesse fazer. Ou poderia? Começou a se tornar obcecado, queria entender o caso, queria encontrar a verdade. Tudo naquele caso foi viciado, era preciso aprender, talvez agora, com a morte de Vicente, as coisas pudessem começar a fazer algum sentido.

No enterro, Ana Lara apareceu, o que ela faria ali? Depois de tudo que aconteceu, depois de tudo. Muitas lágrimas, Ricardo e Ana Lara deram as mãos e fizeram as últimas homenagens ao Vicente.

Depois, tentou conversar com ela, que nada queria dizer, dizia que era tudo muito doloroso. Nenhuma palavra do Luciano, nem do juiz, nem de ninguém. Parecia que todos haviam se esquecido do caso. Mandavam ele ver os dossiês, ele foi atrás, ele obcecado com uma investigação, queria entender, conhecer a verdade.

Achou os textos de Luciano, o diário de Haviilah, e o livro, fez questão de comprar o livro. Leu, mas parecia que ainda não era suficiente, precisava entender, conhecer a fundo as entrelinhas de todos os textos. Juntou tudo e foi fazer o curso de Letras, iria aprender o que tudo aquilo queria dizer.

Luciano comemorou, finalmente uma grande notícia, a justiça estava feita. Aquele desgraçado havia pago. Esperou Ana Lara retornar, ela sempre tão bondosa foi ao enterro daquele serzinho.

Não se importava muito, estava finalmente com a vida que tanto sonhou, Leticia saiu do quarto, se despediu dele, eram bons um com o outro.

Vicente acordou, a branquitude foi ganhando forma, estava dentro de uma nave, sim, aquele era o ser que há tantos anos o havia aconselhado. Algumas coisas começavam a fazer sentido, ele sempre estava nos momentos-chave de sua vida.

— Que bom que recuperou a sua consciência, podemos finalmente conversar.

— Você não é humano. — Vicente começou a ver com clareza, os seus olhos eram vermelhos sangue.

— Realmente você é um gênio.

— Onde estou?

— Isso não tem importância, onde estamos, mas sim para onde vamos.

— Então, eu estou morto?

— Vicente, você é para sempre.

— Eu não compreendo.

— Você vai compreender tudo, mas com o devido tempo. — tudo desapareceu, os olhos dele se fecharam outra vez.

Mas chega de calarmos os personagens, afinal, a cada um é reservado o direito de contar a própria história, não é mesmo?

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Edson Bini. 1. Ed. São Paulo: Edipro, 2011.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental, volume I**. 1. ed. São Paulo: Leya, 2012.
- EAGLETON, Terry. **Teoria Literária: uma introdução**. Tradução: Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- LUKÁCS, György. **Arte e Sociedade**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- MCKEE, Robert. **Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro**. Tradução: Chico Marés. 1. ed. Curitiba: Arte & Letras, 2013.
- PLATÃO. **A República**. Tradução: Pietro Nassetti. 3. Ed. São Paulo: Editora Martin Claret LTDA, 2000.